COOPERANOL recebe máquinas de rebeneficio de café

Miguel Barbosa

O presidente da Associação dos Cafeicultores do Rio de Janeiro, Efigênio Salles, não consegue conter a emoção.

Em entrevista exclusiva para a Revista do Café, ele desabafa, com voz embargada: "Ver as máquinas instaladas e funcionando foi muito bonito!"

Salles refere-se ao evento realizado em 16 de julho, em Varre-Sai, noroeste fluminense, com a presença do governador, do secretário de agricultura, do prefeito de Varre-Sai, de vários outros prefeitos e vereadores, além do representante do Centro de Comércio de Café do Rio de Janeiro (CCCRJ), Guilherme Pires Neto.

O evento comemorou a reinauguração formal da Cooperativa de Produtores de Café do Noroeste Fluminense (Coopercanol) e a instalação de um moderno módulo de rebeneficiamento de café.

"Certamente é um marco na história da cafeicultura do Rio de Janeiro. Haverá duas histórias para o café no estado, antes desse módulo e depois dele", afirma Salles.

Salles explica como essa história começou:

"Há 11 ou 12 anos, os produtores de Varre-Sai conseguiram recuperar uma edificação para sediar uma cooperativa de café. Desde aquele tempo, sabíamos que o principal problema do estado era não possuir um sistema de beneficiamento e rebeneficiamento do café. Sem esses maquinários, o café do Rio, há décadas, tinha de ser transportado para centros de rebeneficiamento em Minas e São Paulo. E acabavam sendo vendidos e exportados pelo Porto de Santos".

"Um dos pontos importantes deste projeto é que ele permitirá uma sinergia maior para a cafeicultura fluminense: o café será beneficiado e rebeneficiado aqui e exportado pelo porto do Rio".

"Há 11 anos, a Ascarj entrou com uma solicitação de recursos junto à secretaria de Agricultura do Estado do Rio, explicando que a nossa cafeicultura carecia de sistemas

próprios de preparo do café para sua comercialização".

"A nossa dificuldade era obter financiamento, que deveria ser a fundo perdido, em função das condições financeiras extremamente simples dos produtores. Até que, com a ajuda de Áureo, conseguimos apoio do BNDES, que tinha uma linha de crédito especialmente voltada para áreas de pequena agricultura. "

Então aconteceu o que podemos chamar hoje da primeira vitória desse esforço de articulação entre Ascarj, produtores, governo do Estado e BNDES.

A cooperativa, na época ainda não formalizada, recebeu duas unidades móveis – dois caminhões - de beneficiamento. Cada uma custou R$ 270 mil.

"Foi a primeira etapa do nosso projeto", explica Salles.

Os caminhões, que funcionam até hoje, se deslocariam até as propriedades cafeeiras, para realizar lá o primeiro beneficiamento do café, ajudando os pequenos produtores a manterem maior controle sobre sua produção, sem precisar mais vender o café em côco para intermediários.

A segunda etapa aconteceu no último dia 16 de julho, com a instalação das máquinas da Pinhalense, vencedora de uma licitação, para realizar todo o processo de secagem, classificação e rebeneficiamento do café, deixando-o pronto para ser vendido para mercados de alto padrão.

"E assim nasce a primeira cooperativa de café do estado do Rio de Janeiro", entusiasma-se Salles.

"A cooperativa irá receber o café dos produtores, em alguns casos beneficiados pelas unidades móveis da própria cooperativa, irá rebeneficiá-los, comercializá-los e exportá-los. É uma força poderosa!".

"A cooperativa será um pólo propulsor do desenvolvimento econômico da cafeicultura no estado. A presença do governador, prefeitos, tantas autoridades, nesta inauguração, demonstra que todos sentiram a importância histórica desse evento".

O investimento na cooperativa veio sobretudo do BNDES, que alocou R$ 1,7 milhão para o projeto.

O governo do estado, por sua vez, já investiu cerca de

Entrevista com Efigênio Salles, presidente da Associação de Cafeicultores do Estado do Rio de Janeiro

Salles falou de um programa de certificação de café por origem e qualidade, que está em fase de estudos para implantação no estado do Rio. Confira trechos da entrevista:

"O programa é de certificação dos cafés do Rio de Janeiro, das propriedades e da qualidade. O modelo que mais se aproxima do que a gente quer é o Certifica Minas, que já existe lá. O produtor, se for fazer sozinho a certificação, vai pagar muito caro, e o que ele for pagar não se justifica na relação custo/benefício.

Alberto Moffat, subsecretário de Agricultura do Estado do Rio e o próprio Christino Áureo, secretário de Agricultura, afirmaram que estão dispostos a dar todo o apoio, através da Emater, dentro do programa Rio Rural, com participação do Sebrae, para preparar os produtores para a certificação. Essa é a primeira etapa. O apoio dessas instituições, sem custo para o produtor, é o caminho para que estes produtores, em grupo, contratem uma certificadora, que poderá lhes oferecer um preço infinitamente menor.

R$ 830 mil na cooperativa, através da Secretaria de Estado de Agricultura, via programas Rio Rural e Rio Café.

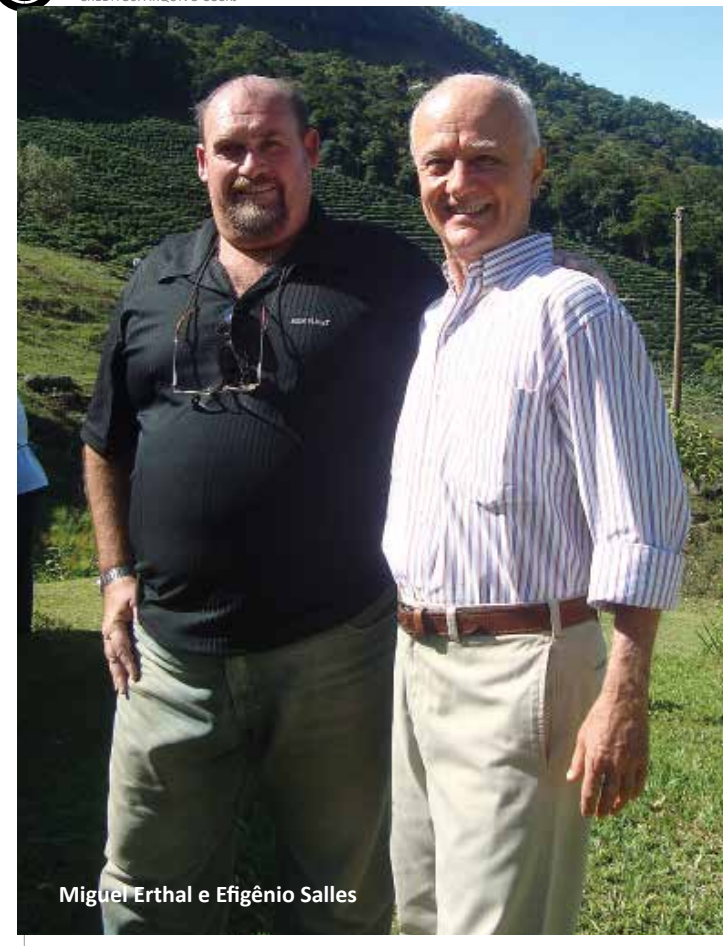
O prefeito de Varre-Sai, Everardo Ferreira, lembrou a luta para a implantação da cooperativa.

"Esse presente é para a cafeicultura, para o homem do campo e estamos comemorando um sonho de 38 anos quando um grupo de cafeicultores se reuniram e sonharam e um deles, era meu pai. E hoje, é uma satisfação estar aqui, diante de tantas autoridades, ver esse sonho se concretizar", destacou o prefeito.

Em seu discurso, o governador Pezão anunciou que em breve vai implantar o Programa Asfalto na Roça para atender as localidades de difícil acesso no estado.

"A gente está realizando esse sonho graças a sensibilidade do Secretário de Agricultura,Christino Aúreo, com a agricultura e o olhar para quem produz. Meu papel é atender a todos. Eu sei que é importante ter estradas e ponte na roça. Se estamos aqui é porque houve estender de mãos de Brasília, do Banco do Brasil, BNDES. Conte comigo! Sempre vou ter um olhar para quem trabalha na roça", disse o governador.

CRÉDITOS: ARQUIVO CCCRJ



Miguel Erthal e Efigênio Salles

Produção em Varre-Sai

O maior produtor de café do estado, o município de Varre-Sai produz anualmente 90 mil sacas de café, com 940 produtores e área cultivada de 4.760 hectares. o que representa 30 % do café produzido no estado, movimentando R$ 31,5 milhões por ano na economia local.

Hoje, cerca de 40% da produção de café do município é de café bebida (melhor qualidade) e é destinada à exportação. A previsão é de que com a nova unidade de rebeneficiamento de café, haja um aumento em mais de 20% na produção de grãos de melhor qualidade.

De acordo com o presidente da Coopercanol, Márcio Vargas, a cooperativa vai ajudar ainda na comercialização do café dos produtores, na aglomeração dos lotes, organização do comércio e preparação do café no processo de rebeneficiamento , organizando a cadeia de café e ainda a comercialização de insumos.

"A cooperativa vai promover a união dos cafeicultores, a modernização e capacitação dos produtores nas novas tecnologias e tendências do mercado", ressaltou.

O produtor de café, José Maria Fabre, de 42 anos, produz cerca de 400 sacas de café ao ano, na Fazenda Floresta em Varre-Sai. Desse total, 60% é de café tipo bebida, destinado à exportação. Ele é associado à uma cooperativa de café no estado de Minas Gerais e tem grandes expectativas com a inauguração da nova unidade em Varre-Sai.

"Hoje, a gente vem sentindo dificuldade para entrar no mercado de qualidade e com a Coopercanol, com essa unidade de rebeneficiamento, há mais possibilidade de mercado para nosso café. A nossa esperança é que tudo dê certo", frisou o produtor.

A região noroeste do estado responde por aproximadamente 70% da safra fluminense de café.

Segundo a Emater-Rio, o polo cafeeiro do Noroeste tem mais de dois mil produtores, que ocupam uma área superior a 10 mil hectares.

Dia de Campo na região Serrana discute novas técnicas de cultivo

A Revista do Café esteve no Dia de Campo em Bom Jardim, região serrana do estado do Rio, realizado numa das fazendas da família Erthal, os maiores produtores de café do estado, o evento teve a presença de dezenas de produtores locais, além de agrônomos e executivos de empresas de insumos. Palestras com especialistas e demonstrações do uso de derriçadores mecânicos nas lavouras em pauta.

Miguel Erthal, administrador das fazendas, conver-

sou com a Revista do Café e informou que produzem cerca de 20 a 25 mil sacas por ano. Este ano, ele estima sua safra em 25 mil sacas, devendo obter uma produtividade aproximada de 60 sacas por hectare.

O produtor explica que, talvez em função das dificuldades econômicas, nota-se este ano maior disponibilidade de mão-de-obra na região.

Suas fazendas empregam 80 empregados fixos; outros 150 são contratados na época de colheita. Entusiasta do uso do derriçador mecânico, uma espécie de mão mecânica que permite mecanizar a colheita em áreas montanhosas, Miguel Erthal explica que um trabalhador consegue colher até 38 balaios com um derriçador de dez dedos, e até 40% a mais com um aparelho de 20 dedos (de uso mais difícil).

"Um trabalhador consegue ganhar mais de R$ 160 num dia, se colhe mais de 20 balaios", explica o produtor. Cada balaio colhido rende R$ 8 para o trabalhador.

Um dos segredos de sua produtividade, segundo ele, é o esqueletamento, uma técnica que consiste numa poda total dos galhos do café. Ele diz que costuma esqueletar quase um terço de suas lavouras, a cada ano.

José Braz Matiello, presente no evento,lembrou que o custo de produção no estado do Rio ainda é alto, cerca de R$ 350 por sacas, e defende investimento no aumento da produtividade. Uma de suas ideias é o terraceamento, um sistema que poderia permitir o aumento da mecanização nas lavouras de montanha e reduzir dramaticamente o custo de produção na região. Ele admite, porém, que a iniciativa tem de ser implementada com moderação, pois demandaria elevados investimentos iniciais, calculados por ele em cerca de R$ 600 a R$ 1500 por hectare. Outra sugestão de Matiello para o produtor fluminense melhorar sua produtividade é o uso intensivo de poda.

As palestra foram dadas por Felipe Salomon, da Nutrisafra, que falou das novas tecnologias de adubação,Fernando Rodrigues, da Ajinomoto, falou do "Uso de aminoácidos na cultura do café", e Luiz Fernando Goes, da Du Pont do Brasil, deu uma palestra sobre o "manejo de pragas e doenças do cafeeiro".

A participação do Rio na produção nacional de café

"O Brasil é o café e o café é o negro", dizia o senador Silveira Martins em 1888, em discurso contra a Abolição.

De fato, a mão-de-obra escrava representava mais de dois terços do patrimônio dos grandes barões do Vale do Paraíba, cujas fortunas, durante quase cem anos, sustentaram a economia fluminense.

Hoje soa quase irreal imaginar que, ao final da primeira metade do século XIX, a economia fluminense, baseada no café, chegou a representar quase 80% do PIB nacional!

A frase de Martins, reacionária já naquele tempo, continha uma verdade válida até hoje: o valor do café não está propriamente na planta, mas nos meios para cultivá-lo: a mão-de-obra, a tecnologia e os métodos necessários para se obter produtividade e qualidade.

O Brasil de hoje não mais depende do café, apesar de ser uma cultura vital para muitas regiões brasileiras, e a escravidão, felizmente, foi abolida há mais de cem anos.

Entretanto, se o Brasil não mais depende do café, o café ainda depende do Brasil, visto que nossa produção, estimada epara este ano em 44 milhões de sacas pela Conab, está perto de representar um terço da produção mundial.

Nessa terra de gigantes, o Rio tem hoje uma participação humilde. Em 2015, a receita bruta do café em todo país deverá atingir, segundo a Conab, órgão do governo federal, R$ 17 bilhões de reais, e o Rio deve participar com menos de 1%, ou R$ 126,28 milhões.

A safra fluminense de café deste ano foi estimada pela Conab em 310 mil sacas, aumento de 6% sobre o ano anterior. Este volume corresponderá igualmente a menos de 1% da safra nacional.

Quando à escravidão, a situação se inverteu. Hoje, os consumidores mais sofisticados do primeiro mundo pagam altos prêmios por selos de certificação que assegurem que a mão-de-obra seja respeitada pelo produtor.

O escravo dos tempos do império, por sua vez, foi substituído por trabalhadores qualificados, técnicas modernas de cultivo e uso crescente de maquinários.